



INSTITUTO INTERNACIONAL DA LÍNGUA PORTUGUESA

Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE A LÍNGUA PORTUGUESA

A LÍNGUA PORTUGUESA NO MUNDO

Por Amélia Arlete Mingas

Brasília, 25-27 de Março, 010

Excelências,

Minhas Senhoras, Meus Senhores

Gostaríamos de agradecer ao Governo do Brasil e à Presidência da CPLP pela organização desta Conferência e, em particular, às autoridades brasileiras pelo acolhimento dispensado.

Esta Conferência é oportuna e importante para o futuro do nosso património linguístico comum e estamos disponíveis para contribuir para uma profunda análise da situação da língua portuguesa, no momento actual.

Apraz-nos, igualmente, felicitar todos quantos envidaram esforços para tornar possível a organização e realização deste evento.

A língua comum

Excelências,

Minhas Senhoras, Meus Senhores

Um olhar e estudo criteriosos das diversas e condicionantes fases da evolução da língua portuguesa levam-nos a verificar que, partindo de um "Jardim à beira-mar plantado", ela aventurou-se por oceanos ávidos de carícias das caravelas que a transportavam ao encontro de novos Mundos, novos Saberes, novas Sensibilidades, novas Sonoridades.

Nessa longa aventura marítima, a língua portuguesa foi lançando sementes, marcas indeléveis, em todos os lugares em que, levada pelas Gentes que a falavam, foi forçada a várias paragens.

As suas estadias foram mais longas nuns sítios que noutros, pelo que, ao português foram criadas condições distintas de efectivação e consolidação. Daí que, componentes identitárias de cada um dos espaços geopolíticos, em que se fala português, viabilizaram modos específicos de realização da língua comum. Em consequência, na sua dimensão identitária, ela foi renascendo mediante variantes nacionais e regionais, em alguns desses espaços, e crioulos em outros tantos.

Mercê de reacções de rejeição, conflitos, mas também de fenómenos de aceitação e posterior apropriação, inerentes a toda situação de contacto de línguas, o português foi-se afirmando pouco a pouco e constitui, hoje, a melhor plataforma comunicacional de uma Comunidade de mais de duzentos milhões de habitantes.

Importa salientar que, paralelamente a este processo de consolidação generalizada, a língua portuguesa tem vindo a ganhar uma maior visibilidade activa no contexto europeu, porquanto é a terceira língua mais falada nesse continente e uma das línguas oficiais da União Europeia. Fenómeno idêntico se verifica em mais três continentes, graças à presença e crescente importância, neles, de EM integrantes da Comunidade.

A internacionalização da língua portuguesa

Face ao contexto internacional actual, expresso por uma competitividade cada vez mais dominante entre grupos de influência, as línguas tentam, num esforço nem sempre perceptível a olhos e ouvidos menos atentos, um equilíbrio de forças tendente a garantir a sua existência e, quiçá mesmo, a sua perenidade, no concerto das Nações.

Em consequência, na arena internacional, umas línguas conseguem uma presença mais agressiva, coerente e efectiva do que outras, donde,

seguramente, a premência de realização deste Encontro e a necessidade de nos debruçarmos sobre esta problemática, definindo áreas de convergência para que possamos ter uma ideia dos desafios que se nos apresentam e apresentarão, assim como das possibilidades de ultrapassarmos esta etapa.

A partir deste contexto, é-nos exigida a indispensável equação de temas ligados à operacionalidade da afirmação da nossa língua comum nas várias instâncias internacionais, lutando pelo reconhecimento do seu peso e dimensões específicas. Assim, e porque constituem preocupações nossas, pensámos ser pertinente considerar a discussão de temas como os que se seguem:

1. A definição de uma política linguística comunitária e necessária atribuição de um estatuto à língua portuguesa nos EM, assim como a viabilização de acções atinentes à promoção, difusão e consolidação da mesma;

2. A promoção de cooperação entre os EM, tendo em vista a criação de parcerias estratégicas bi/multilaterais, com vista a assegurar:

- a) A formação das novas gerações, enquanto meio e instrumento inultrapassáveis em não importa que processo de promoção e difusão linguísticas. Estas iniciativas poderão ser feitas por um lado, a nível comunitário, com a participação dos diversos centros de formação superior, para a formação de formadores para o ensino do português L2 e LE e elaboração de materiais didácticos;

Internamente, elas seriam da responsabilidade de cada um dos Estados membros, através de instituições próprias e organismos estatais ligados à área de promoção e desenvolvimento da língua, mediante acordos bilaterais;

- b) A realização de actividades geoculturais, com a organização e efectivação de Conferências, Feiras de livros, Encontros musicais, de dança, Espectáculos de representação teatral;
- c) Um apoio directo e coerente às diásporas nacionais nos países de acolhimento, através de acordos bilaterais e/ou multilaterais, visando o reforço da sua ligação ao país de origem e à língua comum;
- d) A garantia de um melhor equacionamento da acção dos operadores audiovisuais, enquanto potenciais porta-vozes de tudo o que se realiza nos EM;
- e) O desenvolvimento de plataformas comuns de comunicação, no espaço CPLP, utilizando os mais variados meios - rádio, televisão, imprensa e Net.

3. A assumpção e utilização, nos fora internacionais, da língua portuguesa, desde que garantida a necessária tradução.

Estamos cientes que temos, pela frente, um longo e não simples percurso, mas estamos certas que a língua comum é bem merecedora disso. Estamos igualmente conscientes de que a afirmação da língua portuguesa em patamares bem mais elevados, depende tão-somente dos seus utentes.

Excelências,

Minhas Senhoras, Meus senhores,

Permitam-nos contudo que, reiteradamente, afirmemos que quaisquer que sejam as nossas iniciativas e por melhores que elas sejam, "o futuro da língua portuguesa entre nós e no Mundo dependerá, irrefutável e principalmente, do nível de comprometimento e aprofundamento que os decisores políticos lhe quiserem dar".

Assim, e em conclusão, pensamos que não se pode viabilizar a internacionalização da língua portuguesa, sem que se verifique a sua consolidação no espaço geopolítico em que ela é falada, vivenciada. Nesta acepção, a consolidação da língua portuguesa ao nível da CPLP implicará:

- A nível interno, o reforço dos sistemas escolar, mediático e de radiodifusão, de cada um dos EM, pelo que se impõe o desenvolvimento da indústria livreira, a criação de redes de leitura, de bibliotecas, assim como a instituição de prémios nacionais e comunitários, no que respeita à criação literária e à investigação científica e linguística;

Ao mesmo tempo que se efectua a consolidação da língua comum, no espaço comunitário, haverá condições para a sua internacionalização e são nossas preocupações, desde logo, as nossas diásporas. Importa assim, definir:

1. Sob responsabilidade das instituições nacionais dos EM que acções devem ser desencadeadas no que respeita o binómio "Língua- diáspora";

2. Uma estratégia global concentrada nas áreas diplomática, cultural e linguística, visando a utilização do português como língua de trabalho. Para isso, é necessário agilizar, nos EM, a formação de intérpretes e de tradutores;

3. O estabelecimento de plataformas de comunicação multilateral, através da criação de uma Rádio comunitária, que iria complementar a actividade da já prevista, Televisão comunitária.

Muito obrigada pela atenção dispensada.

Referências bibliográficas:

BIOU, Jean, 1972

Lumière et Anthropophagie, in *La Revue des sciences humaines*. Fasc. 146.

CALVET, Louis-Jean, 1974

Linguistique et colonialisme. Petit traité de glottophagie. Paris, Payot.

CARVALHO, Paulo de, 1982

Estrutura social e linguagem. (O caso de Angola colonial), CEA, Coimbra, Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra

CESAIRE, Aimé, 1959

L'homme de culture et ses responsabilités. Paris, Présence Africaine.

FERNANDES, João e NTONDO, Zavoni, 2002

Angola, Povos e línguas. Luanda, Nzila.

KI-ZERBO, Joseph, 2006

Para quando África? Entrevista de René Holenstein, Tradução Carlos Aboim de Brito, Luanda, Xá de Caxinde.

MINGAS, Amélia, 2000

Interferência do kimbundu no português falado em Angola. Campo das Letras, Porto; Edições Xá de Caxinde, Luanda.

_____, 2002 a)

Línguas, etnias e nação. Universidade Estatal de Moscovo.

_____, 2002 b)

A importância das línguas nacionais na unidade do Povo angolano. Universidade Jean Piaget de Angola, Luanda.

_____, 2005 a)

Línguas nacionais e identidade cultural. Universidade de São Petersburgo. São Petersburgo

_____, 2005 b)

Culture populaire traditionnelle et modernité. Stories Across Africa (Workshop), Universidade de Cape Town.

_____, 2007 a)

O Instituto Internacional da Língua Portuguesa. UNESCO, Paris.

_____, 2007 b)

IILP - Esse grande desconhecido. Secretariado Executivo da CPLP, Lisboa.

_____, 2008 a)

O Acordo ortográfico e a necessidade de uma maior abrangência. Assembleia da República, Lisboa.

_____, 2008 b)

Língua portuguesa em Angola: Uma construção em constante mutação, Universidade de São Paulo, Brasil.

_____, 2009

A língua portuguesa e a sua dimensão comunitária no quadro da CPLP.
Expolíngua, Lisboa.

_____, 2010

A CPLP, a língua portuguesa, o novo acordo ortográfico e o papel do IILP.
Assembleia da República, Lisboa.
